

Precisamos falar sobre **morte**

Na sociedade pós-moderna, a morte é um tabu. Tabu, palavra de origem polinésia, é a proibição de tocar, fazer ou dizer algo por medo de um castigo sobrenatural. Assim, morte é um assunto proibido. Embora conscientes de que todos vamos morrer, vivemos como se a morte não existisse.

Afastamos a morte do nosso cotidiano: os rituais que acompanham a morte são cada vez mais curtos e até evitados, quando possível. Os velórios, que eram feitos em casa e duravam dois dias, hoje são feitos no hospital ou no cemitério e duram algumas horas. Perdemos completamente a familiaridade com a morte, não sabemos como nos comportar quando ela se aproxima de nós ou de nossos entes queridos.

Para toda a sociedade este é um problema sério, já que todos vamos morrer. Também teremos que lidar com a perda de entes queridos, como pais, avós, tios e amigos mais velhos, considerado o curso natural da vida, em que os mais velhos nos precederão na morte. Para os profissionais da saúde, esta é uma questão ainda mais relevante: nas estatísticas mais recentes, aproximadamente 70% das mortes acontecem nos hospitais, 15% morrem na via pública e 15% em outros locais, o que inclui a casa das pessoas.

A morte, que antes era um fenômeno público e familiar, passou a ser

privado, escondido, hospitalar. Serão os profissionais de saúde, portanto, que cuidarão das pessoas em seus últimos momentos de vida. E a triste realidade é que estamos mal preparados.

A literatura médica traz artigos que mostram que os médicos não sabem diagnosticar a proximidade da morte e continuam a cuidar dos moribundos como se ainda tivessem chance de recuperar a saúde. É também comum que pacientes recebam cuidados intensivos até o momento de sua morte e não se beneficiem dos cuidados paliativos.

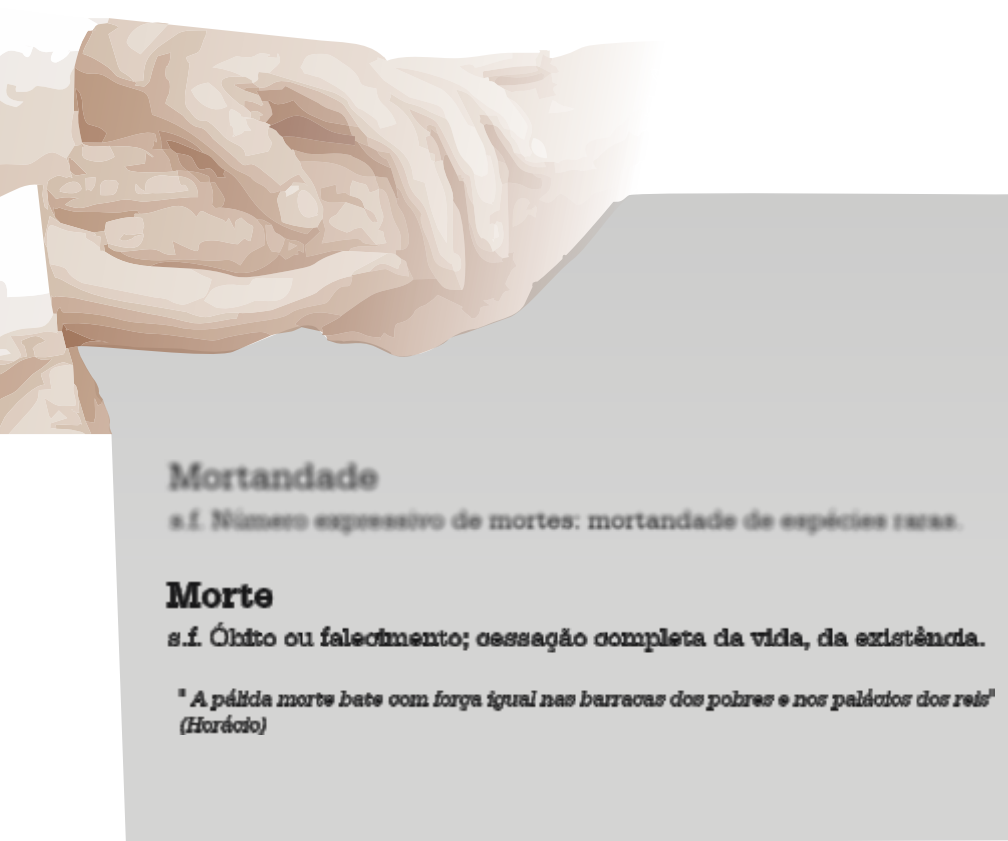
É imperativo que a formação dos profissionais de saúde prepare melhor estes profissionais para o cuidado com os pacientes terminais e para o momento da morte. É preciso que entendamos que evitar a distanásia e buscar aceitar a morte com mais naturalidade e serenidade é necessário.

A reforma curricular do curso de Medicina, iniciada com o Seminário de Ensino

Médico da FCM em 1998, procurou enfrentar este problema. Inicialmente chamado de “Temas Longitudinais”, a FCM criou um eixo de formação ético-humanístico que tem por finalidade discutir aspectos do cuidado em saúde que permeiam toda a formação. A partir da implantação do novo currículo, em 2000, foi se moldando um grupo de disciplinas obrigatórias que visa exatamente apresentar ao aluno de graduação situações e contextos que propiciem uma reflexão ética.

O Departamento de Saúde Coletiva criou uma nova área de conhecimento, – Ética e Saúde –, que tem sob sua responsabilidade seis disciplinas da graduação em Medicina que fazem parte deste eixo. Estas disciplinas acontecem nos três primeiros anos da graduação, com atividades semanais de duas horas cada, ao longo de todo o ano letivo.

Nestas disciplinas aborda-se o tema da morte e da terminalidade em diversos



A Capelania e a Ouvidoria do Hospital de Clínicas da Unicamp têm ajudado ativamente nas deliberações sobre como melhor abordar os aspectos espirituais e sociais dos pacientes que tem seus casos discutidos nestas reuniões.

Outras disciplinas da FCM e setores do HC estão também buscando ampliar a sensibilização dos alunos, residentes e demais profissionais para esta questão. Há trabalhos muito relevantes nas disciplinas de

Emergência, Atenção Clínica Hospitalar e Medicina e Saúde. O Pronto-Socorro tem promovido reuniões com toda a equipe para discutir casos e artigos que tratam de assistência humanizada ao paciente terminal.

Em todas as atividades acadêmicas procura-se abordar o assunto "morte" de forma a propiciar aos alunos uma melhor compreensão deste tema para fornecer meios para que eles possam enfrentar situações de terminalidade com melhores recursos. Com o progressivo aumento do tempo de vida das pessoas, enfrentar a morte com serenidade e equilíbrio de atitudes é um imperativo ético para todos os profissionais de saúde. 🏠

momentos, principalmente no segundo ano. Além disso, também no quarto ano, na disciplina Atenção Integral à Saúde, com um submódulo de ética, discutem-se casos que os alunos estão atendendo nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), onde eventualmente a terminalidade aparece como tema.

Já no quinto ano, durante o estágio dos alunos na Enfermaria de Clínica Médica do Hospital Estadual Sumaré (HES), há duas tardes com cada turma dedicadas, exclusivamente, à discussão do tema da terminalidade, discussão integrada com o ambulatório de geriatria. No sexto ano, acontecem duas reuniões semanais de discussão de casos clínicos, na Enfermaria de Emergência e na UTI. Nestas reuniões, organizadas pela equipe de médicos e professores da emergência, discute-se, principalmente, casos em que a conduta em pacientes muito graves e terminais é o foco central.

Está em implantação no HES uma linha de cuidados clínicos para pacientes terminais e em processo de morrer, com ampla participação de toda equipe multiprofissional. Alunos e residentes têm participado desta implantação, que já conseguiu modificar, sensivelmente, a forma como estes pacientes têm sido tratados.

Prof. Dr. Flavio Cesar de Sá
Coordenador da Área de Ética e Saúde e chefe do Departamento de Saúde Coletiva, FCM, Unicamp